

POLÍTICA

- 6 OUT 1985 LÉM DA NOTÍCIA

Apenas solidário

Não se poderá confundir a presença do presidente Sarney em São Paulo com um ato de participação na campanha do PMDB à prefeitura da capital. O Chefe do Governo cumpriu um dever de solidariedade partidária, ao se colocar junto a seus correligionários Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso, mas nada além disso se deverá esperar dele.

O segredo de Sarney, para manter sob algum controle o equilíbrio entre as forças políticas que integram a maioria, é o distanciamento discreto dos focos de crise que marcam profundamente a aliança no poder. Se não fosse assim, o presidente Sarney não poderia propor o pacto social, pois seria parte envolvida, e não um magistrado à busca de superintender a operação de busca de um mínimo de densidade para o Governo.

É tão frágil a perspectiva de formação de uma base de apoio do Presidente da República, em virtude de um calendário apertado de eleições que terá de enfrentar a partir dessas próximas até à sucessão presidencial, que recentemente chegou a combinar com o ministro Aluizio Alves que deveria tocar o projeto da reforma administrativa do Governo nesse ano. A partir de 86, o Governo, nem mal entrado no seu segundo ano, estará diante de uma febricitação político-eleitoral que não dará condições emocionais à consecução de um projeto de profundidade como aquele.

Como vítima de um calendário perverso, que marcou eleições nas capitais nos primeiros meses de implantação do Governo, o presidente Sarney não terá outra alternativa senão a de manter-se equidistante do centro da crise de fragilização da Aliança Democrática. Aguardará os resultados das eleições que não quis, para montar, com base nas novas forças emergentes nos Estados, sua malha de sustentação. Infelizmente, Sarney não poderá ter preferências prévias, sob pena de ser derrotado pela derrota das candidaturas que eventualmente abraçar.

Mesmo que candidaturas como a do senador Fernando Henrique Cardoso já estejam com certa credibilidade de vitória, não terão do Palácio do Planalto um engajamento decisivo, porque o Presidente da República não pode correr riscos de instabilização e enfraquecimento. Os presidentes militares que se engajaram em campanhas eleitorais — Geisel e Figueiredo — o faziam pela necessidade de terem um partido forte, sem admitirem coalizões e partilha no poder com os demais grupos políticos. O antigo maniqueísmo agora deu lugar ao pluralismo de partidos no poder, o que obriga o Presidente da República a permanecer na posição de coordenador e árbitro, para evitar o mal maior de um julgamento plebiscitário nas urnas, nem ainda inteirado no primeiro ano de Governo.

PEIXOTO RUMO AO MUTIRÃO

Em Brasília, o ministro Flávio Peixoto coordenou as providências para que o mutirão do governador Iris Rezende, hoje, obtenha franca repercussão. O Governador, no momento, reúne o consenso absoluto de que será o candidato a vice-presidente da República com qualquer candidato a presidente das forças majoritárias.

LEONARDO MOTA NETO